

A sexualidade entre legados e interrogações

Bárbara de Souza Conte¹

Resumo

O trabalho discute a sexualidade, entendida a partir do legado de Freud, como uma ruptura do modelo moral da cultura, dando origem à compreensão dos sintomas histéricos e psiconeuróticos. Nas interrogações da atualidade da clínica, a sexualidade assume nova versão, introduzindo o masoquismo e o traumático como vias de compreensão dos mecanismos que encontramos nas manifestações psíquicas atuais. Nessa perspectiva, examinamos o caminho da moralidade à ética no campo da alteridade e da lei.

Resumen

El trabajo discute la sexualidad, entendida a partir del legado de Freud, como un rompimiento del modelo moral de la cultura, dando origen a la comprensión de los síntomas histéricos y psiconeuróticos. En las interrogantes de la clínica actual, la sexualidad asume nueva versión, estableciendo el masoquismo y lo traumático como vías de comprensión de los mecanismos que encontramos en las manifestaciones psíquicas actuales. Según esa perspectiva, examinamos el camino de la moralidad a la ética en el campo de la alteridad y de la ley.

Palavras chave: psicanálise, sexualidade, ética, alteridade.

São inúmeros os legados de Freud, porém, a sexualidade e a transferência continuam especialmente preciosos. A sexualidade, pensada a partir de Freud, passa a ser entendida fora do contexto da religiosidade, deslocando o eixo do divino/pecado para o inconsciente. A sexualidade também deixa de ser degeneração perversa, sendo inscrita no âmbito da moralidade. O influxo da cultura era a sufocação da vida sexual, por obra da moral sexual civilizada da época². A meta sexual era a procriação, sendo sufocadas as pulsões que buscassem outra meta de satisfação. A reprodução era a sexualidade legítima, havendo uma dupla moral: para os homens a infidelidade e para a mulher, a abstinência. A psicanálise começa a escutar os males da sexualidade. Sexualidade que passa a ser entendida na dimensão do infantil e da genitalidade.

A histeria foi a doença da moda e se fundamentava no recalque das pulsões incestuosas e homicidas, nascendo o conflito psíquico, a formação de compromisso e o sintoma neurótico. O psíquico e o corpo se uniram como expressão simbólica da sexualidade atravessada pelo recalque e pela cultura. Por um lado, o corpo negado em sua sexualidade infantil, já que a sexualidade legitimada era a procriação. Por outro lado, a evidência do sintoma histérico denunciando outras formas de manifestação da sexualidade: a paralisia, a cegueira. A conversão histórica condensava o prazer incestuoso, na representação do coito e na proibição desse desejo.

¹ Psicanalista. Doutora em Psicologia pela Universidade Autônoma de Madrid. Membro Pleno do Núcleo de Estudos Sigmund Freud. Conselheira do Conselho Regional de Psicologia 07.

² Freud, S. (1990) La moral sexual “cultural” y la nerviosidad moderna. Obras Completas (vol. 9). Buenos Aires. Amorrortu. 1908.

O sintoma histérico faz com que Freud passe a ouvir as mulheres, não como perversas ou neurastênicas, mas com um corpo dotado de sexualidade. Assim, a feminilidade e a sexualidade se alinham no nascimento da psicanálise. Freud apresenta ao novo século uma nova maneira de pensar a sexualidade, partindo da noção de inconsciente e da crítica à moral sexual. A pulsão sexual é engendrada na sedução, e o psiquismo é fruto dos destinos da pulsão.

Se o desejo faz seu aparecimento, sob a forma de sintomas simbólicos no corpo, os interditos constituem-se como forma de conter esse desejo. A partir do mito Totem e Tabu³ (1913), Freud aponta a forma primordial de organização entre os membros de uma mesma tribo. Fala do “sagrado” e do “proibido”, sendo o tabu colocado como conceito de reserva, o que não é acessível a todos. Os interditos frente à sexualidade estão representados pelas proibições fundamentais de não matar o pai e evitar o comércio sexual com as mulheres do mesmo clã. Advém daí a advertência moral “assim (como o pai) *deves ser*” e o imperativo ou tabu que compreende a proibição “assim (como o pai) não te é lícito ser, isto é, não podes fazer tudo o que ele faz”⁴(p.36).

Desta forma, a sexualidade está atrelada a uma obediência, que impõe uma *renúncia* ao desejado. A culpabilidade do crime cometido pelos filhos com a morte do pai, assume a versão “não matarás”. Assim, o animal totêmico é o pai, e os dois mandamentos do totemismo: não matar o Totem e não usar sexualmente a nenhuma mulher que pertença a ele coincidem com os crimes de Édipo. O incestuoso e o homicida são o núcleo de todas as psiconeuroses.

A renúncia ao objeto desejado é mantida pela ameaça da perda do amor e pela castração. A desobediência aos mandatos paternos coloca o sujeito no desamparo, tanto frente ao semelhante como ao mundo. Essa é a luta que a moralidade impõe à sexualidade e que redundava em conflito e sintoma quando o recalque fracassa.

A lei que veio do externo em Totem e Tabu institui a organização da sexualidade entre os indivíduos, a moralidade e a culpa e torna-se simbólica com o recalque e o superego. O homem tem de reconhecer o limite de seus próprios atos, reconhecendo sua finitude. A psicanálise trata de conhecer e desarmar as tramas de Édipo.

Esse é o legado do modelo conceitual sobre o qual Freud instaura a sexualidade em 1905: desejo, cultura, lei internalizada, renúncia e satisfação. A análise é possível através da transferência, enquanto possibilidade de revivência na figura do analista da tragédia edípica, em sua versão singular da novela neurótica. A consequência desse estado de coisas no início da psicanálise é a teoria das neuroses centrada no conflito do fálico – castrado - e no reconhecimento da renúncia aos desejos homicidas e incestuosos instaurados pela moralidade.

A partir de 1919, novas interrogações ampliam o modelo conceitual da psicanálise. Uma nova leitura do *masoquismo* e a introdução do conceito de *pulsão de morte*. Ambos conceitos dão conta de pensarmos a pulsão em sua forma mais autônoma e originária e ampliam os

³ Freud, S. (1990) Totem y Tabú. Algunas concordancias en la vida anímica de los salvajes y de los neuróticos. Obras Completas (vol. 13). Buenos Aires. Amorrortu. 1913.

⁴ Freud, S. (1990) El yo y el ello. Obras Completas (vol. 19). Buenos Aires. Amorrortu. 1923.

horizontes da sexualidade. Essas vertentes nos indicam modelos conceituais distintos e a prática clínica nos corrobora esses achados.

Quero me deter melhor nesta questão. O masoquismo e a pulsão de morte ampliam o modelo conceitual freudiano por quê? *Por um lado*, porque o *masoquismo* denominado primário ou erógeno, até 1919, é entendido em uma perspectiva fisiológica relacionado à dor decorrente do exercício das funções autoconservativas. Em uma nova leitura freudiana, com as contribuições de Jacques Lacan⁵ sobre o gozo do Outro, e Jean Laplanche⁶, sobre o masoquismo e a sedução originária, podemos entender o masoquismo como uma condição de passividade da criança frente à sedução precoce do outro. O modelo de apropriação do corpo da criança pela mãe, e do trabalho de tradução e recalque das mensagens sexuais, orientam duas direções na constituição do psiquismo. Uma direção é a reflexividade da transformação no contrário e do retorno sobre si mesmo no alcance do recalque propriamente dito. Outro caminho é o gozo, onde o desejo está capturado e a sexualidade é buscada como forma de prazer e dor, como se observa nas condutas autopunitivas e de manifestações psicossomáticas, onde o corpo é o alvo.

Também procurei demonstrar, em estudos anteriores⁷, a idéia do masoquismo, mais além do feminino e da questão das perversões, através da desconstrução do texto *Uma criança é espancada*⁸ (1919), onde Freud investiga a gênese das fantasias e as descreve como expressão do desejo de ser amado, sendo o espancamento a forma de expressão desse amor. Nesse texto, o autor inter-relaciona a questão das pulsões, do surgimento da fantasia e do masoquismo, introduzindo, não por acaso, a cena que produz o fantasma “ser batido pelo pai”. O fantasma “*ser batido pelo pai porque ele me ama*” contém uma transposição necessária de apontar. A premissa de que “*me batem porque sou uma criança má*” é transformada em “*me batem porque me amam*” e depois recalçada.

Continuando a leitura do texto freudiano, o masoquismo se relaciona a fantasias do sexo feminino e masculino, em que a fantasia, em sua segunda fase de surgimento, corresponde tanto na menina como no menino, “*eu sou espancando pelo meu pai*” e ao mesmo tempo “*eu sou amado pelo meu pai*”. Essa fantasia de espancamento corresponde, no menino, “*desde o começo passiva, nascida efetivamente da atitude feminina para o pai*” e, na menina, refere-se à “*expressão direta da consciência de culpa frente à qual sucumbe o amor pelo pai*”. Ambos os casos resultam de uma ligação incestuosa com o pai e coincidem com o caráter feminino-masoquista para ambos os sexos. Assim, a condição masoquista está dada nessa transformação do “ser uma criança má” ao “receber amor” e está na origem das fantasias sexuais infantis.

Por outro lado, introduzo a *pulsão de morte*. Pulsão que é da ordem do desligado, do traumático, do excesso e que necessita da compulsão de repetir e da descarga como formas de alcançar um estatuto de representação e ligação psíquica. O modelo do trauma, conforme proposto por Freud⁹, (1920), enlaça as duas questões porque associa quantidade e qualidade. Freud, em seu texto *Além do Princípio do prazer*, afirma que “*a pessoa parece vivenciar*

⁵ Lacan, J. (1988) Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro. Jorge Zahar.

⁶ Laplanche, J. (1987) Nuevos fundamentos para el psicoanálisis. Buenos Aires. Amorrortu.

⁷ Conte, B. (2002) Prazer e Dor. O masoquismo e a sexualidade. Porto Alegre. Criação Humana, p. 110 e Cruzamentos 2. Pensando a violência. (2005) Org. Fernando Kunzler e Bárbara Conte. São Paulo. Escuta, p.106.

⁸ Freud, S. (1990) Pegan a un niño. Obras Completas. (vol.17). Buenos Aires. Amorrortu. 1919.

⁹ Freud, S. (1990) Más allá del principio del placer. Obras Completas (vol.18) Buenos Aires. Amorrortu. 1920, p.23.

passivamente alguma coisa retirada de seu poder” e logo que “*uma tendência empurraria o homem para ações destrutivas*”, tendência destrutiva que implica atividade. A passividade da primeira citação refere-se à concepção quantitativa, onde uma quantidade de energia ingressa no aparelho psíquico e o estanca, paralisa seu funcionamento, levando o sujeito a vivenciar passivamente o ocorrido, até começar a reagir sob a forma de compulsão de repetição essa quantidade de energia. Já a “tendência a ações destrutivas” é um quantum de destrutividade advindo com o sujeito, que necessita ser defletido em atos ou ações violentas para dar condição de vida ao indivíduo, proposta das pulsões de morte e de vida. Passivo e ativo se referem ao quantitativo que podem ou não chegar a se representar, traduzir. Quando o excesso impede o movimento de transposição do passivo em ativo, estamos diante do trauma.

Ferenczi¹⁰, (1932), ao se perguntar sobre o que é o trauma, responde que é uma “comoção”, uma reação à excitação interior ou exterior que modifica o ego, decompondo-o ou fragmentando-o. A descarga é a forma que ambos os autores encontram para lidar com o excesso e se apresenta sob a forma de ato. Verificamos a descarga do traumático a partir do jogo de repetição do carretel, no suicídio, na chamada clínica do vazio ou no conceito de irrepresentável.

Estes achados ampliam o paradigma do edípico sustentado na lógica do fálico-castrado (e, portanto, na inveja do pênis) e introduzem o paradigma da passividade/atividade. O amar e o ser amado se vinculam a condições de sofrimento (de espancamento), e se não estiverem devidamente recalçados, reaparecem sob a forma de passividade reflexiva em que o sujeito se infringe formas de sofrimento, ou tomam o caminho da descarga. Encontramos os três mecanismos descritos em Freud: retorno sobre si mesmo, transformação ao contrário, compulsão de repetição. O par passivo/ativo compreende as manifestações atuais da sexualidade, que indicam uma forma de operar onde predominam os mecanismos anteriores ao recalque e o mecanismo de recusa, denegação ou desmentida. O traumático que está desligado opera por compulsão.

Quais as interrogações frente à sexualidade que hoje presenciamos e que não se sustentam nas proibições edípicas que impuseram o recalque. Ao contrário, a lei que até então se internalizou sob a forma do superego, encontra-se novamente em uma exterioridade que impõe uma nova forma de pensar o sofrimento bem como os mecanismos que operam nessa mudança. Se no início da psicanálise o sofrimento psíquico era a sufocação das pulsões sexuais, hoje o sofrimento está relacionado à submissão e à posse do outro. O outro é a alteridade entendida como “outro dentro de mim” que, enquanto posse, está muitas vezes colocada no domínio que o “outro exerce em mim” desde a exterioridade. A intensidade desse domínio é a realidade do traumático.

O componente erótico parece ter sofrido um retrocesso já que o amar e o apanhar, típico das fantasias masoquistas, ao não sofrer a ação do recalque, aparece cindido entre o sujeito e a realidade, ficando o sujeito submetido à demanda que vem da exterioridade. Quais as conseqüências disso? A *satisfação auto-erótica* que coloca em risco a integridade narcisista do corpo, pode-se compreender quando o outro goza deste corpo, e a lei não está internalizada como interdito. A lei internalizada é a presença do outro em mim, é esta alteridade, ou lei transforma o auto-erotismo em amor de objeto introduzindo a falta, a perda, o simbólico. Se esse processo não ocorre internamente, a lei se mantém exteriorizada e é exercida desde fora do sujeito. Ele fica *submetido* ao desígnio fálico- narcisista do outro, na forma de gozo.

¹⁰ Ferenczi, S. (1988) Diário Clínico. Buenos Aires. Conjetural, p. 254.

A cultura de hoje impõe justamente esse acatamento ao que é demandado de fora para dentro, conforme Birman¹¹ afirma “o que caracteriza o autocentramento da subjetividade na cultura do narcisismo é justamente o excesso de exterioridade” (p.170), imagem de uma forma perversa de existência, legitimada e valorizada socialmente. Do desejo ao gozo, a presença do outro não mais ocupa uma ação específica que produz a satisfação da necessidade, dando origem ao desejo, mas sim uma apropriação que coloca o sujeito na condição de *assujeitamento*. É por isso que a ética do desejo torna-se prioritária. A dimensão ética é aquela em que a lei regula as relações interpessoais, inclusive aquelas com um Outro que a impõe. Instaure-se, assim, uma ética que implica uma condição de reconhecimento do semelhante e de responsabilidade para com o outro, mediada pela palavra. Ética que consiste essencialmente no que Lacan¹² chama de um juízo sobre nossa ação, que comporta um juízo implícito da ação referida.

O desamparo marca a condição do homem e da mulher frente à culpabilidade edípica, impõe o recalque e o reconhecimento da finitude. A sexualidade está em acordo com essa organização quando busca satisfação e “fabrica” seus sintomas. Não podemos ter tudo, precisamos do outro e vamos morrer. O interdito como lei frente ao incesto coloca o sujeito castrado, com limites e com energia para buscar novas formas de satisfação. Noutra extremo, verificamos o par passividade/atividade que nos alerta para a condição de satisfação da sexualidade de forma narcisista e auto-erótica, onde falha o recalque. Quando desejo e castigo coincidem, as formas masoquistas de satisfação assumem a versão “necessidade de castigo para ser amado”, culminando em formas de manipulação no corpo e aceitação da violência a partir de outro.

O contraponto que podemos examinar, tomando a questão do traumático e da compulsão de repetição, é o que verificamos que não mais está na ordem da sexualidade (do par masoquismo/sadismo), mas sim na crueldade e na descarga. A crueldade tem relação direta com a sensibilidade às diferenças¹³, pois, apesar de reconhecer o outro em sua subjetividade, um indivíduo busca destruir outro por meio da dor que lhe infringe.

A crueldade é a violência oriunda da destrutividade inerente do sujeito, e conjuga o prazer em destruir o outro em sua resistência subjetiva, em sua identidade, intimidade, privacidade, bem como destituir o sujeito do que é da ordem de sua subjetividade¹⁴. Nesse sentido, a crueldade é insensível à diferença que a subjetividade impõe.

Para finalizar, gostaria de ressaltar que da mesma maneira como Freud, ao introduzir a psicanálise libertou o sufocamento das pulsões, proporcionando caminhos distintos para a satisfação da sexualidade (diferente da procriação e da abstinência), temos hoje como legado proporcionar um espaço ético de sustentação e transformação da crueldade e do masoquismo em suas versões: fazer sofrer, deixar-se sofrer, fazer-se sofrer em formas distintas da experiência de viver.

Bárbara de Souza Conte barbara.conte@globo.com R. Tobias da Silva, 99 conj. 505. Porto Alegre. RS 90570 020. Fone 51 3222 9307.

¹¹ Birman, J. (1999) Mal-estar na atualidade. A psicanálise e as nova formas de subjetivação. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.

¹² Lacan, J. (1991) O Seminário. A Ética do desejo. Livro 7. Rio de Janeiro. Jorge Zahar.

¹³ Lyotard, J.F. (1990) La posmodernidad. Buenos Aires. Gedisa. O autor aborda a sensibilidade as diferenças e a determinação de novos critérios de competência como condições da pós-modernidade.

¹⁴ Bleichmar, S. (2002) Dolor País. Buenos Aires. Zorzal.

